Sem sentido

A vida… às vezes eu me pego pensando profundamente nela. Qual é o real sentido de tudo isso? Desde criança, somos ensinados que há um caminho pré-determinado: nascemos, estudamos, arranjamos um emprego, trabalhamos, nos aposentamos, e depois… bem, depois morremos. Parece simples. Mas, ao mesmo tempo, parece vazio. Será que é isso mesmo? Será que a vida se resume a seguir esse roteiro pré-definido? Ou há algo mais profundo?

Por muito tempo, acreditei que o propósito da vida era, de certa forma, universal. Algo que todos devíamos buscar, uma razão maior, um motivo para existirmos. Ser feliz, ser bem-sucedido, deixar um legado. Mas o que significa sucesso, afinal? E por que a felicidade está sempre parecendo algo que está um passo além do nosso alcance? É como se sempre houvesse uma expectativa de que precisamos fazer mais, ter mais, ser mais, e a felicidade fosse a recompensa por atingir esse "mais".

Então comecei a questionar tudo isso. O propósito da vida… será que ele é realmente universal? Será que todos nós temos o mesmo destino a seguir? Ou será que o verdadeiro sentido da vida é algo muito mais simples, mais individual, algo que se molda à medida que vivemos? Penso que talvez não haja um grande plano divino ou uma missão secreta que precisamos descobrir. Talvez o propósito seja apenas viver. Viver o que se ama, buscar aquilo que dá prazer, aquilo que nos preenche, que nos faz sentir vivos. E se a vida for apenas isso? Será que seria algo tão ruim?

Se pararmos para pensar, a maioria das pessoas passa a vida inteira trabalhando para sobreviver. O trabalhador comum vende seu tempo, sua energia, seus sonhos, por um salário no final do mês. É justo? Alguns dizem que o dinheiro é a recompensa pelo esforço, pelo sacrifício. E faz sentido. Mas se pararmos para analisar, não seria o dinheiro, na verdade, o reconhecimento de que o trabalho em si não é suficiente para trazer satisfação? Se o trabalho fosse realmente prazeroso, precisaria de uma recompensa? Se trabalhar fosse o ápice da realização pessoal, não bastaria o ato em si? Por que pagaríamos alguém por algo que ele ama fazer?

O fato de o trabalhador ser pago pelo seu esforço me faz pensar que o trabalho, muitas vezes, é algo que fazemos não porque amamos, mas porque precisamos. E é aí que entra o dinheiro como símbolo de valor. O dinheiro representa o tempo que sacrificamos, os momentos que deixamos de viver, as paixões que ignoramos. O dinheiro é uma compensação por não estarmos vivendo da maneira que realmente desejamos. Afinal, se o que fazemos não fosse um sacrifício, se trabalhar fosse o suficiente para nos preencher, para nos trazer prazer, então por que precisaríamos de algo além disso?

É claro que, para muitos, o trabalho é uma forma de expressão, uma paixão. Existem aqueles que amam o que fazem e, para eles, talvez o dinheiro seja apenas um bônus. Mas para a grande maioria, o trabalho é uma necessidade, um meio para alcançar o fim. E o que é esse fim? Dinheiro? Status? Ou, quem sabe, a verdadeira liberdade de viver como se deseja?

Cheguei à conclusão de que o real sentido da vida não está em buscar um grande propósito universal, mas em descobrir o que nos faz felizes, o que nos traz alegria, o que nos preenche de verdade. E, no final das contas, o que importa é viver para aquilo que amamos, para o que nos dá prazer. Porque, se não for isso, o que sobra? A vida se torna uma rotina mecânica, uma corrida interminável em busca de algo que nunca chega.

E, assim, volto à questão do trabalhador. O dinheiro que ele recebe é o valor do seu esforço, o preço pago pela sua vida, pelas horas que ele nunca mais terá de volta. Mas o verdadeiro valor, para mim, está naquilo que escolhemos amar. O que realmente importa é o que nos dá prazer, aquilo que faz o coração bater mais forte, que nos faz acordar com vontade de viver. Porque, no fim, o dinheiro compra coisas, mas não compra significado.

Então, para mim, viver para o que se ama é a resposta. Se você não amar o que faz, se não encontrar prazer em viver o seu próprio caminho, então o que sobra? Apenas o vazio. E é esse vazio que o dinheiro tenta preencher, mas nunca conseguirá.

O Nascimento

Mas, se é verdade que o real sentido da vida está em viver para o que amamos, então por que nascemos em primeiro lugar? Essa é

uma pergunta que me assombra, porque, se analisarmos com frieza, o nascimento em si parece mais uma promessa de sofrimento do que de realização.

Afinal, o que é o nascimento senão o primeiro passo para o sofrimento? Quando nascemos, somos jogados em um mundo que não escolhemos, em circunstâncias que não podemos controlar. Não pedimos para estar aqui, e, no entanto, nos encontramos lançados nesse caos, forçados a lidar com as dores físicas e emocionais que inevitavelmente virão. O simples ato de nascer é, de certa forma, uma sentença de morte, porque desde o momento em que tomamos nosso primeiro fôlego, caminhamos inexoravelmente em direção ao fim. E, entre o começo e o fim, o que nos espera? Um caminho repleto de desafios, de perdas, de decepções.

Se pararmos para pensar, o nascimento é como uma promessa enganosa. Vemos um bebê nascer e as pessoas ao redor celebram, como se aquele momento fosse um sinal de algo grandioso. Mas será que é? A vida não é uma constante luta? Desde os primeiros dias, somos expostos à dor, ao desconforto, à fome, ao frio. E isso só piora conforme crescemos. Sofremos por amor, por desilusões, por nossas próprias limitações e fraquezas. Como podemos considerar o nascimento algo positivo, se é inevitavelmente seguido por tanto sofrimento?

Talvez, então, o nascimento seja um mal em sua essência, e não um bem. A vida, como muitos a veem, é uma constante busca por felicidade, por significado, mas por que somos obrigados a embarcar nessa busca em primeiro lugar? Não seria o ato de nascer a raiz de todo o mal? Porque, se não nascemos, não sofremos. Se não existimos, não há dor. A vida é uma série de expectativas não correspondidas, de desejos não realizados, e tudo isso começa com o ato de nascer.

É interessante pensar no paradoxo da vida: nascemos, e logo aprendemos que a dor faz parte do processo. O sofrimento não é algo que ocorre esporadicamente, mas sim uma constante, algo inerente à condição humana. E, ao nascer, somos inevitavelmente lançados nesse ciclo de dor e frustração. Crescemos ouvindo que a vida vale a pena, que a felicidade está ali, ao nosso alcance, se apenas trabalharmos o suficiente ou fizermos as escolhas certas. Mas e quando ela nunca chega? E quando o que encontramos, no lugar da felicidade, é apenas mais dor e desapontamento?

Se o sofrimento é inevitável, como parece ser, então o nascimento não pode ser visto como algo positivo. Ele é, na verdade, a origem de todo o mal que experimentamos. Nascemos para sofrer. E mesmo as pequenas alegrias da vida são, na melhor das hipóteses, intervalos temporários entre períodos de dor e incerteza. Mesmo o prazer é momentâneo, efêmero, e sempre vem com um custo. O prazer traz consigo o medo da perda, o medo de que um dia acabe. E, inevitavelmente, acaba.

Então, por que nascemos? Qual o propósito de sermos lançados nesse ciclo de sofrimento e prazer fugaz? Talvez a resposta seja que não há propósito. Talvez o nascimento seja apenas um acidente biológico, uma consequência inevitável da reprodução, sem nenhuma razão maior por trás disso. Talvez a vida, em sua essência, seja desprovida de significado. E, se esse for o caso, o nascimento é, de fato, um mal. Ele nos coloca em um caminho de dor sem motivo algum, um ciclo de sofrimento que não pedimos para vivenciar.

Há quem diga que o sofrimento nos faz crescer, que é através das dificuldades que encontramos força e sabedoria. Mas será que isso justifica tudo? Será que a dor realmente precisa existir para que encontremos sentido? Será que o sofrimento é um preço justo a pagar por alguns momentos de alegria? Eu começo a duvidar disso. Talvez o real mal esteja justamente na existência, no fato de que somos forçados a viver essa jornada sem ter escolha.

Talvez, então, o nascimento seja uma promessa quebrada, uma promessa de dor disfarçada de oportunidade. E se a vida for apenas isso, uma série de tentativas fracassadas de escapar do sofrimento, então o ato de nascer não é um presente, mas uma condenação. O nascimento, longe de ser o início de algo bom, é o ponto de partida para uma existência permeada de dor, de luta, e de uma busca por sentido que talvez nunca chegue.

Propósito

A infância é muitas vezes retratada como uma fase de inocência, alegria e descobertas, mas a verdade é que ela carrega consigo uma sombra profunda de dor e frustração. Quando olho para trás, vejo que, desde muito cedo, a vida já mostrava sua face cruel. As dores da infância não são apenas físicas, como as doenças que

parecem nos atacar quando somos mais vulneráveis; são também emocionais, os primeiros traços dos traumas que carregaremos pelo resto da vida.

As doenças infantis, por exemplo, são um lembrete constante de nossa fragilidade. A febre alta, as noites sem dormir, os desconfortos que pareciam intermináveis... para uma criança, essas experiências são assustadoras. Não sabemos o que está acontecendo, apenas sentimos a dor e o medo. A cada tosse, a cada dor de barriga, sentimos o corpo nos trair, nos expondo à fraqueza. E, muitas vezes, somos deixados para enfrentar isso sozinhos, em um mundo que ainda estamos tentando entender.

E, além das doenças, há os castigos. Na infância, somos constantemente punidos por coisas que mal compreendemos. Quando cometemos erros, muitas vezes é por ignorância, por não sabermos ainda o que é certo ou errado, mas somos punidos como se tivéssemos plena consciência do que fizemos. Isso marca. O castigo não é apenas físico; ele é também emocional, cria uma ferida invisível. Crescemos com a ideia de que errar é imperdoável, que qualquer deslize trará dor. E assim, a cada bronca, a cada tapa, a cada castigo imposto sem explicação, vamos internalizando o medo, a culpa e a sensação de que nunca somos bons o suficiente.

O abandono, então, é uma dor que pode marcar a alma de uma criança para sempre. Não precisa ser um abandono literal, mas aquele sentimento de que, quando mais precisamos, ninguém está lá. São os momentos em que gritamos por socorro, mas nossos clamores são ignorados ou minimizados. Aquele sentimento de solidão que começa a se formar ainda na infância, quando percebemos que, mesmo cercados de pessoas, estamos fundamentalmente sozinhos em nossa dor. Talvez seja o pai que nunca está presente, a mãe que está emocionalmente distante, ou até mesmo os amigos que nos deixam de lado. O abandono ensina cedo que o mundo não é um lugar seguro, e essa lição nos acompanha por toda a vida.

Essas experiências da infância não desaparecem. Elas deixam cicatrizes. E por mais que tentemos esquecê-las, elas moldam quem somos. As frustrações, as rejeições, as decepções... tudo isso vai se acumulando, criando uma visão de mundo baseada no medo e na desconfiança. Somos ensinados a acreditar que a infância é uma fase mágica, mas a realidade é bem mais amarga. Para muitas

crianças, a infância é um período de luta, de tentar entender por que as coisas são tão difíceis, por que a vida parece tão cheia de dor desde o começo.

Lembro-me de como os pequenos fracassos eram devastadores. Quando criança, tudo parece maior. O erro que cometemos, o brinquedo que quebramos, a briga com um amigo… são eventos que parecem destruir nosso pequeno mundo. Sentimos tudo com intensidade. A frustração de não sermos ouvidos, de não sermos compreendidos, de não termos controle sobre nossas próprias vidas. Somos pequenos e dependentes, e essa dependência muitas vezes se traduz em impotência. Cada castigo, cada repreensão, cada fracasso parece confirmar aquilo que mais tememos: que somos insuficientes, que não somos merecedores de amor ou aceitação.

E então, vem a pior das dores: a traição daqueles que deveriam nos proteger. A infância é marcada pela confiança que depositamos nos adultos ao nosso redor, nos pais, nos professores, nas figuras de autoridade. Mas, muitas vezes, esses mesmos adultos são os primeiros a nos ferir. Seja com palavras duras, com ações cruéis ou com simples indiferença, eles nos ensinam que o mundo não é um lugar seguro, que mesmo aqueles em quem deveríamos confiar podem nos machucar. E essa traição deixa marcas profundas, cicatrizes que carregamos muito além da infância.

As dores e frustrações da infância, então, não são algo passageiro. Elas são o alicerce de quem nos tornamos. Cada doença, cada castigo, cada sensação de abandono molda nossa visão de mundo e de nós mesmos. E quando crescemos, muitas vezes carregamos esses traumas de maneiras que nem entendemos completamente. A infância, ao contrário do que muitos gostam de acreditar, não é apenas uma fase de felicidade e descobertas. Ela é, para muitos, uma fase de luta, de sobrevivência emocional.

O que nos resta, então, é aprender a lidar com essas cicatrizes, a aceitar que a vida nos feriu desde o início e que, de certa forma, sempre estaremos tentando curar essas feridas. O sofrimento começa cedo, e a infância, que deveria ser uma promessa de esperança, muitas vezes se transforma no primeiro contato com a realidade dura e dolorosa da existência. O que nos resta, talvez, seja encontrar uma maneira de seguir em frente, apesar das cicatrizes que carregamos, e tentar não perpetuar essas mesmas dores nas próximas gerações.

Sem futuro

A adolescência é muitas vezes romantizada como uma fase de descobertas, de liberdade crescente e de construção da própria identidade. Mas, para muitos de nós, a realidade da adolescência é bem diferente. É uma fase marcada por frustrações, medos, dilemas existenciais e a percepção crescente de que a vida adulta, que tanto ansiamos alcançar, talvez seja uma armadilha ainda maior do que o presente em que estamos presos.

As frustrações começam cedo. A adolescência traz consigo uma sensação de inadequação constante, como se estivéssemos sempre errando, sempre deslocados. Queremos ser aceitos, queremos nos encaixar, mas parece que o mundo está nos colocando à prova o tempo todo. E, enquanto tentamos descobrir quem somos, somos bombardeados com expectativas e responsabilidades que não parecem fazer sentido. A escola é um exemplo claro disso. Somos obrigados a seguir uma rotina exaustiva de estudos, provas, trabalhos, com a promessa de que isso nos preparará para o futuro. Mas o que ninguém nos diz é que esse futuro, ao qual estamos sendo preparados, é um ciclo sem fim de obrigações e monotonia.

A escola, para muitos, é o primeiro contato com a pressão insuportável de performar, de atingir metas que nem sempre são nossas. Estudamos para provas que, no fundo, parecem vazias. Decoramos fórmulas, datas, conceitos que muitas vezes nunca usaremos. E, ainda assim, somos constantemente avaliados, comparados, classificados. A adolescência nos ensina que ser medido é uma norma, e que sempre haverá alguém esperando mais de nós, como se o que fizéssemos nunca fosse o bastante.

E, claro, não é só a escola. As responsabilidades começam a se acumular. Para muitos, vem a pressão de decidir o que fazer da vida, escolher uma carreira, ingressar na faculdade. Somos empurrados para tomar decisões sobre o futuro em um momento em que mal entendemos quem somos no presente. E essa pressão só aumenta. Dizem que precisamos fazer essas escolhas com sabedoria, pois o que decidirmos agora determinará o resto de nossas vidas. Mas o que acontece se escolhermos errado? E se formos empurrados para caminhos que não nos trazem satisfação,

apenas para descobrirmos, anos depois, que estamos presos a algo que nunca quisemos?

O medo do futuro começa a se infiltrar. Sabemos que a adolescência é temporária, e o que vem a seguir? Trabalho. Contas a pagar. Casamentos que talvez nunca sejam tão felizes quanto imaginamos. Filhos que trazem responsabilidades e preocupações. E, de repente, o que parecia ser uma fase cheia de potencial se transforma em um prelúdio para a vida adulta, que, para muitos, é um ciclo interminável de monotonia e frustração.

E o que nos dizem? Que essa é a "vida real". Que é isso o que nos espera: trabalhar todos os dias, pagar contas, lidar com os mesmos problemas repetidamente. A adolescência nos confronta com a dura realidade de que a vida não é a jornada de liberdade e descobertas que esperávamos. Ao contrário, é um caminho que leva à conformidade, à aceitação de que nossos sonhos e esperanças muitas vezes serão esmagados pelas exigências do dia a dia.

O dilema da adolescência, então, é que ela nos prepara para uma vida que, no fundo, não queremos. Somos incentivados a sonhar, a ter grandes ambições, mas ao mesmo tempo, somos advertidos a sermos "realistas". E o que significa ser realista? Significa aceitar que nossos sonhos, em sua maioria, nunca serão realizados. Que o trabalho será rotineiro, que as contas serão uma constante, que a felicidade é algo que precisamos encontrar nos intervalos entre nossas obrigações.

E a adolescência nos dá um vislumbre do que está por vir. Vemos os adultos ao nosso redor, presos em empregos que detestam, casamentos que parecem estar à beira do colapso, vidas repletas de frustração. Eles nos dizem para estudar, para fazer boas escolhas, mas como podemos acreditar que essas escolhas nos levarão a algo melhor, quando o que vemos à nossa volta é uma vida de estagnação? Sabemos que, mais cedo ou mais tarde, também seremos arrastados para esse ciclo. Trabalhar, pagar contas, tentar encontrar algum sentido em meio a tudo isso.

O medo de falhar é constante. Somos bombardeados com expectativas, com a ideia de que precisamos ter sucesso, mas o que ninguém nos diz é que mesmo o sucesso parece vazio. Porque, no fundo, a vida adulta não parece uma recompensa. Ela parece uma punição. A adolescência nos ensina a temer o que está por vir,

porque sabemos que o que nos espera é uma realidade mais dura do que qualquer prova ou projeto escolar.

E, assim, a adolescência, em vez de ser uma fase de preparação para algo maior, se transforma em uma fase de perda de ilusões. Começamos a entender que os sonhos de infância, as esperanças que tínhamos, serão esmagados pelo peso das responsabilidades, pelas obrigações que nunca param. E, mais doloroso ainda, percebemos que não há escapatória. Não importa o quanto tentemos, o que nos espera no fim é uma vida marcada pela rotina, pela repetição, pelo sofrimento que só aumenta.

Casamentos frustrados, filhos que trazem mais preocupações do que alegria, empregos que sugam nossa energia e nos deixam vazios... a vida adulta é uma promessa quebrada. E a adolescência é o ponto em que começamos a ver isso, mas ainda não temos como fugir. Estamos presos nesse limbo, entre a esperança e a desilusão, entre o sonho e a realidade brutal que se aproxima.

O que resta, então, é aceitar que a vida, desde a adolescência, já começa a nos preparar para o sofrimento maior que virá.

Trabalho

O trabalho é um tema central em nossas vidas, muitas vezes visto como um símbolo de sucesso e realização. No entanto, quando olho ao meu redor, percebo que, para muitos de nós, o trabalho é, na verdade, uma fonte constante de frustração e desgaste. Passamos a maior parte do nosso tempo em empregos que, na melhor das hipóteses, nos oferecem apenas um alívio temporário das pressões financeiras. O tempo que dedicamos a essas atividades raramente é recompensado de maneira justa, e essa dinâmica começa a criar um ciclo vicioso que nos aprisiona em uma vida que parece estar em constante luta.

A falta de tempo é um dos maiores ladrões de alegria na vida moderna. Trabalhar longas horas, muitas vezes em turnos

desgastantes, significa que o tempo que poderíamos passar com a família, os amigos ou até mesmo conosco mesmos é sacrificado em nome do trabalho. Chegamos em casa exaustos, apenas para sermos confrontados com as contas que se acumulam, esperando por nossa atenção. E esse ciclo se repete, dia após dia. Em vez de vivermos plenamente, nos tornamos máquinas, presos em uma rotina que não traz satisfação, apenas o cansaço que nos drena lentamente.

E, quando falamos de dinheiro, a realidade se torna ainda mais sombria. O que ganhamos parece nunca ser o suficiente para cobrir as despesas. As contas de serviços, a alimentação, os imprevistos, tudo isso se soma a um peso que se torna quase insuportável. E enquanto nos esforçamos para equilibrar as finanças, o que recebemos em troca? Uma vida estressante e repleta de preocupações. Às vezes, pergunto-me se o que fazemos vale realmente a pena. Estamos trabalhando tanto, apenas para sobrevivermos? E o que acontece com nossos sonhos e desejos, que ficam esquecidos em meio a essas responsabilidades?

A meia-idade chega como uma lembrança de que o tempo está passando. Olhamos para trás e percebemos que a vida que construímos é feita de escolhas baseadas no medo e na necessidade, não na paixão ou no prazer. Estamos no auge de nossas carreiras, mas o que isso realmente significa? Muitas vezes, significa que estamos presos a empregos que nos deixam insatisfeitos e desmotivados. As aspirações que tínhamos na juventude foram sendo engolidas pelo pragmatismo, e nos tornamos apenas mais um número em um sistema que não se importa conosco. A ideia de sucesso se transforma em uma armadilha que nos prende a uma vida de obrigações e frustrações.

E quando finalmente nos deparamos com a velhice, o que nos resta? O corpo se torna mais frágil, a energia diminui, e a vida que pensávamos que nos traria alegria acaba se revelando uma coleção de arrependimentos. As realizações que pensávamos que teríamos muitas vezes se tornam vazias. O que construímos ao longo de décadas se transforma em um legado de frustração e de tempo perdido. Olhamos para o futuro e vemos a morte se aproximando, não como um alívio, mas como um lembrete de que talvez nunca tenhamos vivido verdadeiramente.

A morte, então, se torna a última decepção. É o fim de uma jornada marcada por sacrifícios e um trabalho que não recompensou

nossos esforços. A morte pode ser vista como um descanso, mas também é a realização de que a vida não foi tudo o que esperávamos. O que deixamos para trás? O que construímos valeu a pena? E assim, ao final, somos confrontados com a realidade de que, por mais que trabalhemos, por mais que lutemos, a vida é uma coleção de dias passados em preocupações, contas e obrigações que nos levarão ao fim sem a certeza de que realmente vivemos.

No fim, o trabalho se revela como uma ilusão. Ele nos promete segurança, satisfação e propósito, mas, muitas vezes, o que nos entrega é um ciclo interminável de frustração. Trabalhamos não apenas para sustentar nossas vidas, mas para esquecer a dor que vem com a falta de tempo, com as contas que nunca terminam e com a vida que se arrasta. E, quando olhamos para o horizonte, percebemos que o que nos espera é um abismo de arrependimentos, uma velhice que não traz a paz, mas a certeza de que o tempo foi mal gasto e que a morte não é um alívio, mas um fechamento de um capítulo que poderia ter sido muito mais.

A vida, então, se transforma em um testemunho do que poderia ter sido. Uma narrativa de esforços que não levaram a lugar algum, de sonhos que não se concretizaram e de uma jornada que, no fim das contas, pode não ter valido a pena. E a pergunta que fica é: como podemos mudar essa história antes que seja tarde demais? Como podemos, mesmo em meio a essas dores, encontrar um significado que faça a vida valer a pena? Essa é a verdadeira luta que nos acompanha até o último suspiro.

Fracasso

A velhice é uma fase que muitos temem, não apenas pela fragilidade do corpo, mas também pelo peso das memórias e das escolhas não feitas. À medida que envelhecemos, somos confrontados com uma realidade que frequentemente se torna pesada e sombria. O vigor que antes tínhamos é substituído por uma sensação de cansaço, como se cada movimento fosse um esforço desmedido. As doenças, que antes pareciam distantes, se tornam companheiras constantes, lembrando-nos a cada dia de nossa mortalidade. O corpo que nos sustentou e carregou por tanto tempo agora parece ser um fardo, um lembrete cruel do que já fomos e do que perdemos.

O arrependimento é um dos maiores companheiros da velhice. Olhamos para trás e vemos as oportunidades perdidas, as escolhas que não fizemos, os caminhos que não seguimos. A vida que poderia ter sido se torna um eco constante em nossas mentes. Olhamos para os sonhos que abandonamos, as paixões que deixamos de lado em nome de responsabilidades e obrigações que agora parecem tão insignificantes. O que pensávamos que era importante se desvanece, e o que realmente importa se torna dolorosamente claro: vivemos para agradar os outros, para cumprir expectativas que não eram nossas. E, à medida que nos aproximamos do fim, essa realização se torna um peso insuportável.

E há, é claro, o sofrimento que acompanha a velhice. A dor física é muitas vezes inevitável, mas o sofrimento emocional pode ser ainda mais devastador. A solidão se torna uma constante, e os amigos que antes estavam ao nosso lado se vão, um por um. As conversas, as risadas e os momentos de alegria se transformam em lembranças distantes. A ausência de conexão humana se torna um vazio que não pode ser preenchido. E, em meio a tudo isso, somos forçados a encarar a realidade da morte. O que antes parecia distante e abstrato agora está à porta, e a ideia de deixar o mundo para trás se torna uma sombra que nos persegue.

A morte, quando chega, não é o alívio que esperávamos. Em vez disso, é um lembrete de que, mesmo em nossos últimos momentos, podemos sentir o peso do arrependimento. O que deixamos para trás? Quais foram as marcas que realmente fizemos? Muitas vezes, nos encontramos cercados pelo silêncio, apenas a companhia de nossas memórias e os ecos de uma vida que se esvai. O esquecimento total da existência se torna uma possibilidade aterradora, uma ideia de que, em última análise, não importamos. As histórias que contamos, as vidas que tocamos, podem ser esquecidas tão rapidamente quanto vivemos.

E, assim, a velhice se transforma em um reflexo sombrio de nossas vidas. O que antes era um tempo para colher os frutos do que plantamos se torna uma colheita de arrependimentos e memórias. O vigor que nos permitiu sonhar e lutar se transforma em fraqueza, e a vida, que parecia tão cheia de possibilidades, se revela um ciclo de sofrimento e aceitação. Ao olharmos para o horizonte, percebemos que o que nos espera é o silêncio, a ausência de reconhecimento, a certeza de que, em última análise, todos nós seremos esquecidos.

Neste ciclo, a morte é apenas uma etapa final, não um desfecho glorioso, mas um desvanecimento silencioso. A vida, em sua essência, se torna um campo de batalha entre o desejo de ser lembrado e a inevitabilidade do esquecimento. O sofrimento se torna uma parte intrínseca da jornada, e, à medida que avançamos, devemos encontrar um significado em meio a essa dor, mesmo que esse significado seja doloroso e efêmero. A velhice, então, é um espelho que reflete tudo o que vivemos, mas também tudo o que não conseguimos alcançar. E, na última respiração, a única certeza que nos resta é que a vida foi, e sempre será, uma dança entre o existir e o ser esquecido.

O que resta

Quando olho para a condição humana, percebo um labirinto de contradições. Vivemos em um mundo onde a vida, em sua essência, parece breve e muitas vezes sem propósito. A busca incessante por significado nos leva a questionar não apenas nosso lugar neste universo, mas também o que realmente resta de nós quando tudo se reduz a pó. O que sobra é a essência do que somos: seres que anseiam por prazer, por experiências que nos façam sentir vivos, mesmo em um cenário que muitas vezes parece sem sentido.

Encontrar prazer é uma busca universal. Não se trata apenas de satisfação momentânea, mas de uma forma de resistência contra a monotonia da existência. O prazer pode ser encontrado em diversas formas — na comida que degustamos, na bebida que nos faz esquecer, nas risadas compartilhadas, nos momentos de entrega pura. E por que não? A vida é curta demais para ser desperdiçada em privações e restrições. Essa deveria ser a busca de todo ser humano: viver plenamente, buscando aquilo que nos faz felizes, mesmo que isso signifique abraçar prazeres que a sociedade muitas vezes considera fúteis.

Nesse contexto, o consumo de prazeres pode ser visto como uma forma de autocompaixão. A comida se torna um ritual, a bebida um brinde à vida e ao que ela tem a oferecer, por mais efêmera que seja essa oferta. Cada prazer, por mais simples que seja, é um lembrete de que estamos aqui, que existimos e que, em meio ao caos, podemos encontrar momentos de alegria genuína. Esses

momentos são fugazes, mas são também o que nos tornam humanos.

Porém, a promessa de redenção e recompensa que muitas tradições religiosas nos oferecem é, em sua maioria, uma ilusão. A ideia de que há algo além deste mundo que nos espera, algo que dará sentido a tudo o que vivemos, é um consolo que pode nos manter presos a uma vida de expectativas e promessas não cumpridas. O que realmente importa é o agora, a experiência de estar vivo, de sentir, de amar e de aproveitar cada momento sem a expectativa de uma recompensa futura.

Assim, ao abandonarmos as amarras de uma vida focada na busca por aprovação, aceitamos que o prazer, em todas as suas formas, é o que realmente importa. Podemos desfrutar da beleza efêmera da vida sem o peso do arrependimento, reconhecendo que o prazer não precisa ser justificado. Ele é uma parte essencial da experiência humana, uma forma de resistir ao desespero da existência.

Portanto, ao olharmos para o que resta do ser humano, encontramos a possibilidade de viver plenamente. A vida pode ser curta e, às vezes, vazia, mas dentro desse vazio, podemos escolher como preenchê-lo. E a verdadeira liberdade reside na capacidade de abraçar o prazer em suas muitas formas, de reconhecer que, mesmo em um mundo que pode parecer sem sentido, podemos encontrar alegria em cada pequeno momento. Viver para o prazer é, em última análise, uma celebração da vida, um ato de resistência contra a inevitabilidade do fim. É um lembrete de que, enquanto estivermos aqui, devemos abraçar tudo o que a vida tem a oferecer, sem reservas, sem restrições.